

A Teia da Feira: um estudo sobre a feira-livre de São Joaquim, Salvador, Bahia.

Dissertação de mestrado apresentada por Márcio Nicory Costa Souza em 2010.

Orientador: Lidia Maria Pires Soares Cardel

Resumo:

À beira de uma “cidade-feira”, uma feira. Crescendo e aninhando uma teia com o Recôncavo da baía. Muitas embarcações numa rica fronteira líquida. Um incêndio. O deslocamento. Outro lugar. Outro nome: São Joaquim. Rodovias. Supermercados e outras formas de abastecimento. Intervenções sanitárias. Ameaças de deslocamento e “revitalização”. Tensões. Percebendo a Feira de São Joaquim enquanto um fenômeno de longa duração, como manifestação de um determinado passado de precursores: as relações mercantis, o sistema econômico do Recôncavo da Baía de Todos os Santos e as atividades e loci de inserção da população pobre, negra e migrante, o presente trabalho toma como objetivo compreender como se caracteriza a permanência da Feira no sentido de um espaço comercial, locus de abastecimento local e regional, tradicional, ante mudanças na rede geral de abastecimento na cidade de Salvador e nos hábitos comerciais, bem como enquanto herdeira simbólica e material das feiras do Sete e de Água de Meninos, refletindo as transformações na rede comercial aninhada ao Recôncavo da Bahia de outrora. Utilizando-se de variadas fontes (orais, iconográficas e textuais), procuramos mostrar que a Feira expressa a riqueza e complexidade sócio-econômica inscrita a sua enseada e referida a múltiplas espacialidades, territorialidades constituídas e constantemente reafirmadas entre os fios da teia de São Joaquim. Trocando com vários lugares, nutrindo e sendo nutrida por estes, a Feira tece sua malha comercial – configurando-se como matriz de todas as outras feiras-livres da cidade, promovendo o abastecimento de grande parte do mercado informal de Salvador. Mesmo o Recôncavo, que se estagnou, se mantém vivo nessas trocas. A Feira foi expressão do pulso acelerado e intenso em Água de Meninos, hoje é igualmente pulso, mas bate num compasso modesto no fluxo das transformações no Recôncavo e na sua cidade sítio, Salvador, lançando-se por outros tentáculos e nutrindo e sendo nutrida por outras relações. O processo histórico compele os feirantes, via resistência, à criação ou invenção de mecanismos de defesa e adaptação. A Feira não está imune ao “resto” da sociedade, inscreve-se num tecido social mais amplo. A Feira não é um resquício com validade expirada, mas se coloca numa formação histórica combinada, negociando com as diferentes forças expulsivas e forças aglutinadoras. Não é resíduo nem “caco”, mas totalidade simbiótica de modernidades ou temporalidades sedimentadas ou justapostas. A Feira, para existir na duração do tempo, tem que ter a capacidade de resistir. Isto é, ser capaz de mudar constantemente.

Palavras-chave: Feira-livre; Feira de São Joaquim; Recôncavo da Baía; Formas de abastecimento

Banca examinadora: Lidia Maria Pires Soares Cardel , Edilece Souza Couto, Milton Araujo Moura